

**A MICROPRÁTICA NA FORMAÇÃO DO BACHARELANDO EM ARTES VISUAIS:
ARTICULAÇÕES ENTRE AULA ATELIÊ E CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO**

Izabela Rozar Baumgarten, Raony Robson Ruiz, Jociele Lampert

INTRODUÇÃO

A extensão universitária constitui, juntamente com o ensino e a pesquisa, um dos pilares que estruturam a universidade pública brasileira. Embora historicamente presente nas instituições de ensino superior por meio de projetos, programas e ações voltados à interação com a comunidade, sua inserção nos currículos de graduação foi ampliada a partir da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelece as diretrizes para a curricularização da extensão.

Sob esse pressuposto, a presente pesquisa analisa, a partir de investigações vinculadas ao programa de extensão permanente Estúdio de Pintura Apotheke, os desdobramentos dessa resolução na formação do bacharelado em Artes Visuais. Para isso, examina-se uma microprática desenvolvida no contexto da curricularização da extensão no curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com o objetivo de discutir como as articulações entre ensino, pesquisa e extensão contribuem para que o bacharelado reconheça e desenvolva sua atuação no campo das práticas artístico-pedagógicas.

DESENVOLVIMENTO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória (Gil, 2002). A ação foi desenvolvida com base nos princípios da abordagem Aula Ateliê, elaborada pelo Estúdio de Pintura Apotheke e constituída por cinco momentos: preparação, correspondente ao percurso investigativo e artístico-pedagógico do docente; cena pedagógica, referente à organização do espaço e dos materiais; contextualização, destinada à apresentação dos referenciais teóricos e artísticos; desafio, proposição prática voltada à investigação dos participantes; e clínica de obra, momento de reflexão coletiva sobre os processos, as dúvidas e as soluções encontradas.

Na preparação, foram estudados Johannes Itten, Giorgio Morandi e Paul Cézanne, cujos referenciais fundamentaram o desafio de organizar uma cena com objetos cotidianos e realizar sua tradução pictórica mediante uma paleta limitada. A microprática ocorreu durante o CEART Aberto e reuniu treze participantes de diferentes faixas etárias e níveis de experiência em pintura. Foram observadas suas escolhas cromáticas, dificuldades e formas de interação com a proposta, bem como as adequações realizadas na mediação. As falas compartilhadas na clínica de obra e as reflexões da bacharelada sobre o planejamento e a experiência de mediação subsidiaram a análise dos resultados.

RESULTADOS

A elaboração da microprática¹ evidenciou que a atuação do bacharel como pesquisador contribui para conectar os conhecimentos relacionados à prática artística, a pesquisa e a mediação pedagógica. A constituição da ação exigiu a revisitação dos processos artísticos e experiência, em favor do reconhecimento de procedimentos que, até então, estavam incorporados a este fazer sem necessariamente um pensamento reflexivo (Dewey, 1979). Entre esses fatores destacam-se a

¹ A microprática é uma ação de curta duração realizada com base na abordagem Aula Ateliê. Seu intuito assim como o em aulas da graduação é desenvolver espaço para aprendizagem em coletivo a partir do diálogo sobre o processo artístico desenvolvido a partir de um desafio. Para mais informações acessar CAVALLARI, Pedro Henrique Villi, LAMPERT, Jociele. Reflexões sobre o conceito de microprática. **Revista Apotheke**, v. 9, n. 1, p. 11–28, 1 maio 2023.

construção de paletas limitadas, a observação das relações cromáticas e a utilização dos contrastes complementares e de extensão, conforme discutido por Itten (1961). Para transformar esses conhecimentos em uma proposição destinada à comunidade externa da UDESC, foi necessário delimitar um objeto de interesse, selecionar referências, experimentar as possibilidades e elaborar metodologias para a sua mediação a partir do meu processo investigativo e artístico. Tal resultado dialoga com Britto (2025), ao indicar que as práticas artísticas e pedagógicas não constituem dimensões isoladas, mas processos interligados que podem se desenvolver simultaneamente.

No último momento, o de clínica de obra, evidenciou-se no relato dos participantes a construção de paleta, destacando a atenção a escolha de cores e mistura de tintas pensando nas tonalidades desejadas. Notou-se que a mediação docente teve um papel importante no deslocamento dos participantes do foco a representação figurativa para as relações cromáticas possíveis na composição. Os resultados referentes a essa ação se adequam a compreensão de Ruiz, Savicki e Lampert (2023), segundo a qual a microprática constitui-se de uma experiência de reflexão, interação e experiência estética, superando a transmissão dos procedimentos técnicos.

Diante das expectativas e da realidade do fazer docente, notou-se que o planejamento inicial precisou ser ajustado de acordo com as demandas dos participantes. As intervenções realizadas durante o processo dependeram da observação de suas dificuldades, escolhas e formas de interação com a proposta, revelando a aproximação entre o “saber/fazer da prática artística” e o “ser/estar professor”, conforme Facco e Wosniak (2022). Nesse sentido, a autonomia discente se manifestou como capacidade de refletir e reorganizar a própria atuação visando a resolução de problemas, em diálogo com o pensamento reflexivo discutido por Dewey (1979).

Também, dentro dessas limitações, os participantes almejavam estender a prática. Somado a isso, sobre a utilização dos materiais dispostos, provenientes do projeto de extensão Estúdio de Pintura Apotheke para o seu uso livre, verificou-se desperdício de tinta. Em minha análise, ambos os aspectos indicam a necessidade de aprimorar o planejamento temporal e a organização dos recursos em proposições futuras, preservando a autonomia dos participantes quanto ao próprio percurso investigativo ainda que principal resultado formativo tenha consistido na passagem de um conhecimento incorporado ao fazer artístico para um conhecimento reconhecido, sistematizado e transformado em proposição pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, a experiência de propor uma microprática em um evento de caráter extensionista, o Ceart Aberto, torna possível a identificação de que é relevante o desenvolvimento de abordagens que articulam a pesquisa e extensão. Pois, por meio do percurso investigativo para a sua concepção, houve o estudo, a elaboração, e o mapeamento de aulas e os conceitos que as envolvem. Se compreende, portanto, que uma ação extensionista não é constituída apenas pela tradução do fazer sem a consideração do que envolve as formas de atuação docente, isto é, o reconhecimento das metodologias, a investigação, a experiência do fazer docente e sua epistemologia teórica.

A experiência evidencia que a articulação entre ensino, pesquisa e extensão amplia a formação do bacharelado em Artes Visuais, aproximando a produção artística da elaboração de projetos, da mediação e da atuação com diferentes públicos. Mais do que encerrar essa discussão, os resultados apontam para a necessidade de aprofundar, em pesquisas futuras, as possibilidades de atuação do bacharel no contexto da curricularização da extensão e seus efeitos sobre a construção de sua identidade profissional.

Palavras-chave: curricularização da extensão; microprática; formação bacharelado em artes visuais;

ANEXOS



Figura 1. Cena pedagógica organizada para a microprática, com objetos cotidianos e materiais utilizados na investigação pictórica com paleta limitada. CEART Aberto, UDESC, no dia 16/05/2026. Fotografia: Estúdio de Pintura Apotheke.



Figura 1. Clínica de obra realizada ao final da microprática, com apresentação e discussão das soluções cromáticas desenvolvidas pelos participantes. CEART Aberto, UDESC, no dia 16/05/2026. Fotografia: Estúdio de Pintura Apotheke.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 243, p. 49–50, 19 dez. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/resolucoes-do-cne/ces/2018/rces007_18.pdf. Acesso em: 26 ago. 2026.

BRITTO, Rosangela Marques de. Nas entrelinhas da prática artística e pedagógica da pintura. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 172–191, abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5965/244712671112025172>. Acesso em: 26 ago. 2026.

CAVALLARI, Pedro Henrique Villi, LAMPERT, Jociele. Reflexões sobre o conceito de microprática. **Revista Apotheke**, v. 9, n. 1, p. 11–28, 1 maio 2023. Acesso em: 26 ago. 2026.

FACCO, Marta; WOSNIAK, Fábio. A aula ateliê como experiência de ensino e aprendizagem no Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 146–155, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5965/24471267812022146>. Disponível em: Revista Apotheke – artigo de Facco e Wosniak. Acesso em: 26 ago. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

ITTEN, Johannes. Arte del color: aproximación subjetiva y descripción objetiva del arte. Tradução de Víctor Lamíquiz. Paris: Editorial Bouret, 1975.

RUIZ, Raony Robson; HENSCHER, Fabio Luis Savicki; LAMPERT, Jociele. Nota de experiência: microprática como um caminho investigativo no ensino da cor pautado nos estudos de Josef Albers. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 85–102, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/24398>. Acesso em: 26 ago. 2026.